
**Revolução Contra o Fascismo na Alemanha.
“Bandidos Vermelhos”, Funcionários e Poetas**

Charles Reeve

Richard Julius Hermann Kerbs, aliás Jan Valtin, nasceu em 1905. Marinheiro, aderiu em 1923 ao KPD (partido comunista alemão, pró-bolchevique). Exemplo típico do carreirista político, Valtin subirá depressa na hierarquia: alto funcionário do partido, quadro da Komintern (III Internacional) e, enfim, agente do GPU (polícia secreta russa). A serviço dessas duas instituições, viajará pelo mundo inteiro.

Em 1933, já na clandestinidade, Valtin é preso na Alemanha. Torturado e enviado para um campo de prisioneiros, recebe da Komintern a ordem de se juntar aos nazistas e se integrar a Gestapo. Libertado, a Gestapo o manda à Dinamarca para espionar seus antigos camaradas do KPD. Preso pela GPU, consegue fugir e se exilar nos EUA, onde morreu, em 1951.

Sua autobiografia¹, *Out of the night*, foi publicada em francês com um título no mínimo paradoxal, *Sans patrie ni frontières*. Ora, a vida de Valtin foi totalmente devotada aos interesses de sua pátria sagrada, a Rússia bolchevique. E as fronteiras terminariam por caracterizar o personagem. Sem fronteiras, Valtin jamais teria sido Valtin!

* * *

A descrição dos métodos do partido “comunista” fez a reputação do livro entre os antistalinistas de todos os matizes. Hoje, porém, muitos concordam ao considerá-lo um texto da guerra fria, escrito com a intenção primária de amalgamar as duas formas de totalitarismo e justificar o sistema da democracia parlamentar. Para fazê-lo, o livro foi construído em torno de uma mentira histórica: a única oposição ao nazismo na Alemanha teria sido feita pelo partido stalinista, utilizando os mesmos métodos que seu irmão

¹ Jean Valtin, “Sans Patrie ni Frontières”, Babel, 1997. Primeira edição: Jean-Claude Lattès, 1975. As citações são da última edição.

inimigo e guiado pelo princípio de que o fim justifica os meios. Martelar a ideia da semelhança dos extremos consolida o discurso justificativo do mundo tal como é e, portanto, tal como deve ser. E as verdades do testemunho de Valtin servem, assim, à mentira dominante.

Quando, em 1923, Valtin ingressou no KPD, o prisioneiro político mais célebre na Alemanha era Max Holz². Holz tornou-se revolucionário nas trincheiras da primeira guerra mundial. Em 1919, membro da Liga Spartacus, de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, era um agitador itinerante do KPD. Expulso por indisciplina, Holz se juntou ao recém-fundado KAPD (partido comunista operário), que seguia uma linha antiparlamentar e antissindical. No sudeste da Alemanha, região fronteira com a Tchecoslováquia, organiza um grupo proletário armado que, juntamente com comitês de desempregados e alguns conselhos operários não reformistas, toma o poder local, abrem as prisões, expropriam os burgueses e latifundiários para financiar o partido, enfrentam o exército, os pistoleiros da social-democracia e os bandos nacionalistas em formação.

O grupo de Holz não era o único. Entre os demais, havia o grupo de Karl Platner, outro “bandido vermelho” conhecido, no qual atuavam mulheres. Em março de 1921, Holz dirigia uma das milícias operárias que agiam na Alemanha central³. Ao contrário de Platner, Holz era pouco estimado por seus companheiros, que o criticavam pela arrogância e autoritarismo⁴. Preso e condenado à prisão perpétua, adere ao KPD, que lhe promete uma defesa eficaz⁵. Em 1928, foi libertado. O partido, que desconfia de seu espírito rebelde, envia-o para a Rússia... trabalhar nas minas. Dissidente mais uma vez, Holz é convocado pela GPU, que mal conhece o antigo lutador do KAPD. Ele não se arrepende e ainda faz ameaças. Habitados com a obediência, os policiais russos se amedrontam, cedem e o mandam para repousar no campo. Em setembro de 1929, Holz foi “suicidado” pela GPU. Três anos depois, Platner seria assassinado pela polícia alemã, quando tentava passar para a Checoslováquia.

* * *

² Ver sua autobiografia: Max Hölz, “Un rebelle dans la révolution”, Spartacus, 1988.

³ Ver mais adiante.

⁴ Franz Jung, dirigente do KAPD, o tratará como “ chefe de meliantes”, “escaravelho-torpedo” - Ludd, Paris, 1993.

⁵ As campanhas pela libertação dos prisioneiros políticos do KPD utilizavam os meios legais, a pressão parlamentar e sobretudo a ajuda russa. Uma das formas desse “internacionalismo proletário” era a troca de prisioneiros comunistas alemães pelos alemães aprisionados na Rússia. O KAPD, por sua vez, preferia libertar os prisioneiros, sempre que possível, recorrendo à ação direta. Em 1922, Karl Plättner foi arrestado e condenado a dez anos de prisão.

São anos decisivos. Em março de 1921, as greves insurrecionais (que, mais tarde, seriam conhecidas como “ação de março”) eclodem na Alemanha central, governada pela social-democracia, onde a repressão patronal e policial era particularmente dura. O KAPD apoia um movimento de ação direta. Seus militantes, reagrupados nas comissões de fábrica e empresas, embora respeitando o modelo de dupla organização, partido-conselho⁶, dedicam-se à radicalizar as ações econômicas e recusam qualquer negociação com os patrões. O KPD, fiel a Moscou, se mostra indeciso, dilacerado entre sua política parlamentarista e a pressão da base⁷ (7). Será, aliás, a última ação anticapitalista de massas em que combatem juntos, ombro a ombro, os militantes decididos dos dois partidos.

Isolados, sem perspectivas, as milícias operárias, inclusive a de Max Holz, são derrotadas e as fábricas ocupadas são retomadas pela polícia. Depois de anos (1918-1921) de uma guerra social latente⁸, o fracasso da ação de março é o “retorno à normalidade” tão desejado pela social-democracia. Mais de três mil proletários revolucionários são presos, os militantes combativos expulsos das empresas e forçados à clandestinidade. As organizações comunistas radicais, o KAPD e sobretudo as Uniões Operárias são postas fora da lei, acelerando o declínio. O terreno estava livre para a linha institucional e legalista do KPD.

* * *

Desde 1920, os dirigentes da Internacional em Moscou tentavam marginalizar os comunistas que se recusavam a atuar nos sindicatos, considerados formas neutras e, portanto, fáceis de retirar da influência social-democrata e de colocar sob a direção dos

⁶ Uma fração das Uniões, os AAU-E, recusou esse modelo e defendeu a unificação da ação política e consiliar numa só organização. Otto Rühle foi o teórico desta tendência, dita unitária e antipartido, considerada próxima dos anarcossindicalistas. Ver Paul Mattick Jr., “Modernisme et communisme antibolchevique”, “Oiseau-tempête”, n° 4, inverno de 1998*.

* Charles Reeve se equivoca terminologicamente, pois não se trata de “partido” (pois o próprio KAPD se afirma como não-partido) e sim “organização revolucionária”. A tese defendida por Rühle é a da “organização unitária”, apenas a união dos conselhos operários, a organização dos operários, enquanto que a concepção de Gorter é a da dupla organização: a dos revolucionários e a dos operários. Outro equívoco é a aproximação entre o comunismo de conselhos unitarista e o anarcossindicalismo. Na verdade, havia um antagonismo entre o anarcossindicalismo e o comunismo de conselhos – em suas duas tendências – e a base da divergência se encontra na defesa dos sindicatos pelos anarcossindicalistas em contraposição aos conselhos operários, sendo que alguns anarquistas abandonaram tal posição e se aproximaram do comunismo de conselhos (RMA).

⁷ O Komintern fez pressão para que o KPD apoiasse o movimento. A revolta de Kronstadt explodiu ao mesmo tempo, é provável que os dirigentes bolcheviques tentassem desviar a atenção dos comunistas europeus da situação na Rússia.

⁸ Encontraremos uma viva descrição da atmosfera daqueles anos e da “ação de março”, no livro de Franz Jung e no de Max Holz.

revolucionários. Quando Lênin classificou esses comunistas como esquerdistas, pretendia antes de tudo criticar sua recusa do compromisso político no terreno da política burguesa, no parlamento e nos sindicatos. É a esta crítica que responde Hermann Gorter, respeitado comunista holandês, em sua *Carta Aberta ao Camarada Lênin*⁹. Para a esquerda comunista, a extensão da tática de compromisso bolchevique à Europa ocidental asfixiava as organizações autônomas do proletariado, cujas ações eram as únicas capazes de desenvolver a consciência subversiva. Gorter e seus amigos insistiram em que a maior presença de revolucionários conscientes equivale ao menor papel dos dirigentes. Consideram que a tática dos bolcheviques implica de fato “a primazia dos dirigentes “ e o oportunismo burocrático. Para a esquerda comunista, a vitória da linha bolchevique conduzirá inevitavelmente o movimento de emancipação social à derrota. Isto acontecia, cabe lembrar, em 1920-1921!

Trotsky, encarregado por Lênin de contra-atacar, evitou responder sobre o fundamento de uma posição compartilhada por uma corrente revolucionária que era influente na Europa ocidental e na América do Norte, e optou pela ofensa pessoal. Velho método que sempre dá resultado. Conhecendo a fama de Gorter, considerado um dos maiores escritores holandeses, Trotsky o trata com condescendência como um poeta, cujo estado de espírito “se encontra infalivelmente associado ao pessimismo”¹⁰. No final de 1921, derrotada a ação de março e esmagada a revolta de Kronstadt, a Internacional pode alardear que a Rússia é a vanguarda do comunismo. As organizações comunistas que se situam à esquerda dos bolcheviques são, então, excluídas em nome da luta contra o sectarismo.

⁹ H. Gorter, “Lettre ouverte au camarade Lénine”, Spartacus, 1979. A introdução e as notas de Serge Bricianer estabelecem claramente os interlocutores e alvos do debate.

¹⁰ Trotsky, intervenção contra os delegados do KAPD, Moscou, novembro 1920. Gorter, além de sua obra poética, traduziu obras de Spinoza, Dante, Shakespeare, Goethe e Shelley. Ver o texto de Serge Bricianer, “Gorter poète”, anexo ao “Réponse à Lénine”, Spartacus, op. cit.